

Infohabitar, Ano XVIII, n.º 822 e n.º 823

Habitação intergeracional: da adaptabilidade à participação num adequado quadro arquitetónico (partes I e II) – versão de trabalho e base bibliográfica # 822 Infohabitar e # 823 Infohabitar

António Baptista Coelho – com base direta nos textos, ideias e opiniões dos autores referidos ao longo do artigo

Resumo

No artigo aborda-se, em primeiro lugar, a importância da adaptabilidade nas novas soluções de habitar, em geral e especificamente em habitação intergeracional.

Em seguida e muito ligado às matérias da adaptabilidade residencial desenvolve-se o papel da participação dos habitantes na promoção do seu bem-estar, numa dinâmica intergeracional convivial que beneficia a saúde e o respetivo meio social ; e neste sentido abordam-se as matérias do idadismo e do atual hiato intergeracional, seguindo-se uma reflexão sobre os comportamentos positivos para o bem-estar e a saúde e sobre a promoção efetiva de relações intergeracionais.

Finalmente centramo-nos na relação entre idosos, habitação e Arquitetura, com uma atenção específica nas questões do desenho universal e especificamente amigo do envelhecimento e sua aplicação em termos de domesticidade e inovação tipológica.

Habitação intergeracional: da adaptabilidade à participação num adequado quadro arquitetónico (partes I e II) – versão de trabalho e base bibliográfica # 822 Infohabitar e # 823 Infohabitar

Índice geral

Introdução, p. 2

1. Sobre a importância da adaptabilidade nas novas soluções de habitar, em geral e especificamente em habitação intergeracional, p. 3

2. O papel da participação dos habitantes na promoção do seu bem-estar, numa dinâmica intergeracional convivial que beneficia a saúde e o respetivo meio social, p. 5

3. Aprofundar a relação entre os Idosos, o Habitar e a Arquitetura, p. 13

Brevíssimas notas "intermediárias", p. 22

Bibliografia (referências práticas), p. 23

Introdução

Subtemáticas do presente texto:

- *a importância da adaptabilidade nas novas soluções de habitar ;*
- *o papel da participação dos habitantes na promoção do seu bem-estar e numa dinâmica de interação social que influencia positivamente a sua longevidade ;*
- *a relação negativa entre os preconceitos etários (idadismo) e a saúde dos idosos; naturalmente no âmbito da saúde pública ;*
- *e, novamente a perspetiva da relação entre os Idosos, o Habitar e a Arquitetura, numa reflexão de aproximação entre qualidade da arquitetura habitacional e o bem-estar dos residentes idosos e fragilizados.*

Antes de avançar com alguma sistematização numa relação entre os aspetos de adaptabilidade e de participação na habitação especialmente dedicada a idosos e fragilizados, importa salientar que boa parte das respetivas condições de agradável

estabilidade vivencial e mesmo de segurança natural no uso dos espaços residenciais depende, direta e indiretamente, da existência de um sentido de pertença, acompanhamento e convívio espontâneo, condições estas que tanto têm a ver com aspetos de conceção física como com aspetos de gestão local, ambos direcionados, seja para a melhor adequação às necessidades e gostos individuais, através de soluções expressivamente adaptáveis, mas sem perda da identidade comum, seja para um processo participativo continuado, eficaz e natural, que faça da solução residencial um “projeto” de todos e de cada um, ganhando sinergias de grupo sem perder valia em termos de respeito pela privacidade e individualidade de cada um.

Ainda nesta perspetiva importa também lembrar o carácter basicamente intergeracional que se defende para o PHAI3C, que para além de ser fator de anulação natural de preconceitos contra os idosos, corresponde também a um modelo que justifica plenamente, tanto a referida e expressiva adaptabilidade, que surge, assim, como fator de adequação e mesmo conversão dos espaços privados residenciais a diversos níveis etários, para além de o ser relativamente a diversos modos e necessidades de habitar – “diluindo-se”, assim, positivamente o que poderia ser uma conversão excessivamente direcionada “apenas” para as necessidades da geração grisalha -, como também surge como especialmente adequada a uma participação ativa dos residentes, numa faceta de rentabilização estratégica de diferentes idades e capacidades de gestão e interação.

Tudo isto evidencia, por outro lado, a necessidade de o suporte físico vivencial das soluções que integrem o PHAI3C serem extremamente qualificadas em termos de uma Arquitetura bem “desenhada”, muito amigável relativamente aos seus diversos tipos de residentes e utentes e urbanisticamente positiva, designadamente, nos seus reflexos nas respetivas vizinhanças de proximidade.

1. Sobre a importância da adaptabilidade nas novas soluções de habitar, em geral e especificamente em habitação intergeracional

Se a adaptabilidade é essencial em termos de versatilidade e capacidade de apropriação da habitação, em geral, a diversos modos de vida e gostos de habitar ; o que dizer quando estamos num quadro de habitação intergeracional, que cative desde pessoas muito idosas a jovens adultos, portanto, num quadro de exigências e mesmo sonhos residenciais potencialmente muito diversificados e que incluem o novo e sensível de necessidades e gostos dos mais idosos, e ainda, e cumulativamente, quando estamos em presença de um habitar que também se estende, potencialmente

e por vontade dos residentes, para um conjunto razoavelmente amplo de espaços e serviços comuns – situação esta ela própria dinamizadora de novas soluções de habitar, mais ou menos conviviais e mais ou menos comunitárias.

Ainda a título de comentários gerais nesta temática, considerados com importância para a estruturação do PHAI3C, juntam-se e comentam-se, brevemente, em seguida, excertos do documento, coordenado por Felix Bohn, que aborda os standards suíços de áreas habitacionais para idosos, intitulado *Habitat pour personnes âgées Directives*.¹ (1) (negrito nosso)

La conception de logements sans obstacles et adaptables répondra à deux exigences. Premièrement, elle doit permettre, conformément à un standard minimum, de construire si possible partout et sans incidence sur les coûts, des logements dépourvus d'obstacles évitables (marches isolées, passages trop étroits, espaces de manoeuvre insuffisants, etc.). Deuxièmement, les zones et les éléments primordiaux doivent être conçus de façon à pouvoir être adaptés, le cas échéant, aux besoins individuels des occupants sans pour autant engendrer des travaux majeurs. (pg. 8)

Les exigences concernant les logements adaptés aux personnes âgées sont en partie plus strictes que celles pour les constructions adaptables et celles respectant la norme SIA 500 «Constructions sans obstacles ». Ces exigences accrues doivent être appliquées dès le départ à toutes les constructions appelées à accueillir une majorité de personnes âgées. Cette règle s'applique à tous les projets de logements pour personnes âgées ou pour l'habitat intergénérationnel. Elle a pour but d'assurer aux habitants un maximum de sécurité et d'autonomie, celles-ci dépendant plus fortement de l'environnement bâti que l'on ne pense. (pg. 11)

Salienta-se, naturalmente, a grande exigência que deve ser aplicada nos aspetos de adaptação e de facilitação dos espaços habitacionais relativamente à vida doméstica de pessoas idosas e fragilizadas e a referência, que se considera estruturante do PHAI3C, relativamente à real e muito significativa importância que tem o ambiente construído doméstico nos aspetos de segurança e de autonomia dos seus habitantes ; e podemos dizer não só nos aspetos concretos de segurança e de autonomia e à vontade nos usos domésticos, como num verdadeiro e essencial sentimento de segurança e autonomia domésticas.

Salienta-se no entanto que tais aspetos de adaptabilidade ao bem-estar e ao bom-uso doméstico dos idosos e fragilizados não devem ser fisicamente evidenciados, porque seriam, assim, estigmatizantes ; devem ser, sim, bem embebidos e

¹ Felix Bohn - **Conception architecturale habitat pour personnes âgées Directives**. Centre Suisse pour la construction adaptée aux handicaps, Kernstrasse 57, CH-8004 Zurich, 044 299 97 97, www.construction-adaptee.ch

integrados/camuflados nos diversos ambientes e pormenores domésticos, assim como deverão ser faseados na sua instalação, que só deverá acontecer quando necessária, estando os espaços e as instalações devida e previamente preparadas.

2. O papel da participação dos habitantes na promoção do seu bem-estar, numa dinâmica intergeracional convivial que beneficia a saúde e o respetivo meio social

Para além da referida adaptabilidade doméstica e residencial ou acompanhando-a a par e passo, importa ter em conta e facilitar, sempre que possível, a participação dos habitantes na promoção do seu próprio bem-estar residencial, pois assim se apoia uma dinâmica que influencia positivamente a sua saúde e longevidade.

E voltamos, assim, novamente, à influência ambiental no bem-estar residencial e neste caso numa perspetiva que inclui a participação dos habitantes na formatação do seu dia-a-dia e do seu programa de vida ; uma participação que deve ser considerada o mais cedo possível, no âmbito, da respetiva operação habitacional, que deve ser profissionalmente enquadrada no sentido de poder ser o mais efetiva possível e eficaz no desenvolvimento da operação, e que pode e deve ser, sempre, acompanhada por uma perspetiva de dinamização natural e positiva da convivilidade local – no condomínio respetivo e na sua vizinhança urbana –, que esteja bem harmonizada com a maximização da privacidade no uso das unidades residenciais e dos seus principais acessos comuns ; e não é difícil entender, assim, a ligação umbilical que este tipo de iniciativas habitacionais intergeracionais e adaptáveis pode e deve ter com a promoção habitacional cooperativa mais ligada ao habitar de baixo custo e a processos habitacionais participados, como é o caso das cooperativas da FENACHE.

Esta temática da participação dos habitantes na promoção do seu próprio bem-estar residencial integra, especificamente, um estudo de Nick Karvounis ²(2), em que este autor defende que “a diferença entre viver muito ou viver pouco por causa da influência da genética não é muita. É maior a influência ambiental” e social, acrescenta-se.

E acrescenta-se porque é ainda o mesmo Nick Karvounis que afirma que «não são os genes que as faz viver mais tempo; é que estão a agrupar-se entre si” ; ou seja, que

² Nick Karvounis / unsplash - <https://zap.aeiou.pt/segreto-viver-maos-genes-2341>

as pessoas do mesmo extrato social tendem a juntar-se com pessoas da mesma condição e que é isto que as faz viver mais do que outras.

O que daqui se pode retirar é que novas soluções habitacionais com um enfoque amplo e estratégico numa dinamização cuidadosa, mas efetiva, da participação dos habitantes e da interação social nos respetivos espaços comuns, poderão influenciar positivamente a qualidade da fase final da vida das pessoas, melhorando-a e prolongando-a ; e julga-se importante considerar este duplo aspeto participativo e convivial, pois é bem diferente quando as oportunidades de convívio decorrem, também, da iniciativa de quem quer conviver e não apenas de condições ambientais e de gestão específicas – e aliás o próprio potencial de participação também depende, em parte, de determinadas e estratégicas condições espaciais, que o podem estimular.

Se os referidos conjuntos residenciais serão, ou não, especialmente homogéneos em termos socioculturais é algo que nos parece ser impossível de prever, designadamente, quando se estuda um programa residencial intergeracional, como o PHAI3C, que se deseja possa ter uma aplicação o mais possível intensa e generalizada ; e nesta matéria talvez que a utilização das estruturas cooperativas da FENACHE já muito « rodadas » na promoção e gestão de muitas dezenas de milhares de fogos a custos controlados , totalmente abertos à inscrição livre de qualquer pessoa ou família, de qualquer grupo sociocultural seja a melhor garantia de podermos ter uma desejada integração social e tendo-a o mais cedo possível no respetivo processo de promoção.

A única limitação ao que acabou de ser apontado é, naturalmente, a existência de um rendimento « mínimo » que viabilize a participação no programa, o que acaba, é certo, por o dirigir para uma faixa, ainda que ampla, de pessoas da designada « classe média baixa » para cima e sem limites de rendimentos ; mas mesmo esta limitação pode e deve ser suavizada pela integração de pessoas e famílias com menores rendimentos e especificamente apoiadas neste processo pelo Estado, por exemplo, no âmbito de contrapartidas, bem definidas, e associadas à obtenção dos terrenos para desenvolvimento do respetivo programa residencial intergeracional – processo hoje já bem rotinado entre as cooperativas da FENACHE e vários municípios no sentido da construção e gestão de um número importante de habitações de interesse social.

Em tudo isto é importante ter em conta que as tipologias habitacionais existentes, muito marcadas por uma funcionalização datada e ligada a uma forma de viver e a modos de habitar excessivamente uniformizados, não irão servir adequadamente esta

perspetiva de um habitar intergeracional participado, adaptável a diversos modos e gostos de habitar e tendencialmente convivial, noção esta que se julga ser ainda mais « crítica » quando necessariamente ligada a aspetos específicos de apoio a pessoas idosas e fragilizadas, que para além destes aspetos sensíveis têm, ainda, um intenso e muito diversificado historial de vida e de modos de uso da habitação a ter em conta ; e, portanto, há, assim, que investir em soluções de habitar adequadamente adaptáveis e inovadoras, tal como aponta Marie Gaffet no estudo *Vieillessement de la population et habitat*. ³(3) (negrito nosso)

*Parallèlement, ces dernières années on a vu apparaître de **nouvelles solutions de logement, parfois innovantes, du type petits collectifs offrant des services, destinées spécifiquement à un public âgé ou visant à mixer les générations.***

*Mal connues du grand public et encore peu développées, ces initiatives représentent pourtant **une alternative entre le domicile personnel devenu contraignant (non accessible, trop grand, coûteux en entretien, vecteur d'isolement...), et l'accueil en hébergement institutionnel qui, quant à lui ne fait pas toujours l'unanimité et où les places sont rares et onéreuses...***

*L'objectif est la tenue d'une **journée séminaire et échanges d'expériences fin 2019. Celui-ci sera axé sur les conditions de développement de ces différentes solutions tant sous l'angle de la nature du bâti, du modèle économique que de l'intensité de l'accompagnement adapté des personnes.***

(i) O idadismo prejudica a saúde

Acabou-se de abordar, sumariamente, o papel da participação dos habitantes na promoção do seu bem-estar e numa dinâmica de interação social que parece influenciar positivamente o seu bem-estar, a sua saúde e, conseqüentemente, a sua longevidade .

Mas uma tal participação só será verdadeira e efetiva num quadro social e mesmo de opinião pública onde começemos a anular, decididamente, os preconceitos etários (idadismo) para com os idosos e fragilizados, proporcionando-lhes uma nova presença.

De certa forma poderemos considerar, aqui, como que um movimento de « dentro para fora » onde as novas comunidades intergeracionais possam ter uma dinâmica participativa forte e bem presente na sociedade e um enquadramento, um pouco « de

³ Marie Gaffet (coord) - **Vieillessement de la population et habitat**. PUCA, Cerema - travail de repérage et d'inventaire des initiatives innovantes très variées. 2019

fora para dentro », marcado por uma correção da atual atitude geral para com os idosos e fragilizados, que é ainda muito marcada por estigmas diversos, até assistencialistas e negativamente funcionalizados, entre os quais a ideia de que depois de habitar naturalmente durante quase toda a vida há uma altura onde « obrigatoriamente » temos de ser institucionalizados, deixando de « habitar » realmente para apenas estarmos « alojados » e funcionalmente cuidados.

E tudo isto põe em evidência a noção, que se julga bem real, de que as atitudes para com o envelhecimento afetam a saúde e o bem estar dos idosos, tal como é sublinhado no muito interessante estudo da Royal Society for Public Health e do UK branch da Fundação Calouste Gulbenkian, intitulado That Age Old Question. **4**

⁴ Royal Society for Public Health; Calouste Gulbenkian Foundation (UK branch) – **How attitudes to ageing affect our health and wellbeing**. RSPH, 2018, © RSPH 2018 Charity Registration Number 1125949, Londres. Contatos: at ageing@gulbenkian.org.uk, Twitter: @CGF_UK, Toby Green at tgreen@rsph.org.uk

E importa aqui referir o amplo leque de instituições e pessoas às quais a Royal Society for Public Health e a FCG agradeceram as contribuições para este estudo:

Guy Robertson (Positive Ageing Associates)

Dr Hannah Swift (University of Kent)

Jill Turner (University of the Third Age, RSPH trustee)

Lucien Paul Stanfield (The Claremont Project)

Professor Anthea Tinker CBE (Kings College London)

Calouste Gulbenkian Foundation:

Esther Goodwin Brown

Bridget Gourlay

Calouste Gulbenkian Transitions in Later Life Learning Community:

Ciarán McKinney Age & Opportunity

Lynne Wealleans Beth Johnson Foundation

Dave Martin Centre for Policy on Ageing

Hannah McDowall Centre for Policy on Ageing

Allyson Whisker Citizens Advice

Joanne Cormack Cheshire and Wirral Partnership NHS Trust

Ruth Rosselson Manchester Mind

Jen Kelly Tavistock Relationships

Margot Henderson Workers' Educational Association Highlands

Centre for Ageing Better

São, em seguida, registados e minimamente comentados alguns aspetos constantes do referido estudo, salientando-se ser este tão importante como recente (2018) e participado por um número muito significativo de entidades e investigadores e técnicos da área, referidos em nota de pé de página. 4

... ageist attitudes solidify as we grow older, into a set of stereotypes about older people and the ageing process which can be hard to unseat.

Ageist attitudes harm older people as they lead to direct age-based discrimination – which can promote social exclusion, impact on mental health, and affect wider determinants of health like employment.

Ageist attitudes also harm individuals who, as they grow older, begin to apply negative age stereotypes to themselves. Previous research has shown that those with more negative attitudes to ageing live on average 7.5 years less than those with more positive attitudes to ageing.

There is now a growing body of research evidencing the real-life consequences that negative attitudes to ageing have on individual health outcomes such as memory loss, physical function, and ability to recover from illness. This provides a compelling case for a public health campaign and policy interventions aimed at deconstructing societal drivers of ageism. (pg. 10 e 11)

Portanto avançar para boas condições de vida e integração e para relações intergeracionais frequentes e naturalmente disseminadas pela cidade é essencial é urgente, relevando-se, assim, mais uma vez, o interesse e a oportunidade do PHAI3C.

(ii) "O hiato geracional: segregação versus integração" (The generation gap: segregation vs integration) e a promoção da amizade como solução a visar

Acabou-se de abordar, sumariamente, a noção de que os conceitos ligados ao idadismo prejudicam não só a saúde das pessoas mais idosas como o bem-estar e o essencial sentido solidário da própria sociedade, passando-se, agora, e com apoio no mesmo excelente estudo da *Royal Society for Public Health* e do *UK branch da Fundação Calouste Gulbenkian*, para a defesa da intergeracionalidade como fator muito positivo num natural combate a esse idadismo. (negrito nosso)

*There is now an emerging and convincing evidence base speaking to the positive power of intergenerational contact. A 2017 review 18 of 31 intergenerational contact programmes and 48 studies found that **intergenerational contact successfully reduces ageism towards older adults, ... Everyday contact between "young" and "old" helps temper the ageist attitudes***

Jonathan Collie (The Age of No Retirement)

Dr Sarah Hotham (University of Kent)

Anne Bell (PSHE Association)

Professor Sian Griffiths (public health physician, RSPH trustee)

held by young people. It is strongly linked with reducing ageist behaviours (a direct consequence of ageist attitudes), and also works to reduce young people's anxiety about their own ageing. The most important and consistent finding in the literature is that friendships are the most effective and reliable form of contact for reducing ageism. A holistic framework for addressing ageism in society has to look at how we can build settings that foster friendships across the generations. (pg. 12)

*However, it is clear from existing research that **bringing generations together will not automatically achieve the desired goals of reducing attitudinal and behavioural ageism. If delivered without proper thought, they can sometimes embed ageist attitudes instead. A review of intergenerational contact programmes indicated that, if integration of the generations is to be successful at reducing ageism, there needs to be:***

- **frequent contact between younger and older people;**
- **a neutral environment for interaction to take place;**
- **a setting which promotes an equal status between the groups, including non-patronising communication. (pg. 15)**

Temos, assim, a necessidade de um contato intergeracional frequente, realizado num ambiente qualificado como « neutral », no sentido de poder suscitar o convívio, mas apenas de uma forma natural, não estando associado a nenhum grupo etário em particular e promovendo um equilíbrio de presença e protagonismo entre os diversos grupos ; condições estas que deverão ser bem acolhidas nos espaços do PHAI3C.

Por isso se defende uma expressiva integração geracional, que encontre no espaço residencial um lugar de eleição, talvez porque é aqui que estamos, habitual e frequentemente mais à vontade e mais receptivos a variados estímulos ; tratando-se, portanto, de um espaço privilegiado para reduzir e mesmo anular o idadismo e também para esbater velhas fronteiras entre famigerados equipamentos coletivos funcionalmente e artificialmente espartilhados.

Continuando com a mesma fonte bibliográfica (negrito e sublinhado nossos):

There is much evidence pointing to the capacity of positive intergenerational contact to drive down ageism – especially when this occurs in settings that foster genuine friendships across generations...

... local authorities, voluntary care providers, and private care providers should look to move towards co-locating nursery services and older person care. The concept of intergenerational care has existed for more than 40 years, ...

The most important and consistent finding in the literature is that **friendships are the most effective and reliable form of contact, and so this should be the central aim of a multi-generation home, and indeed any other intergenerational contact programmes. Although we acknowledge that only a small proportion of older adults live in a care home (15% of adults aged 85+), it should be remembered that this recommendation also stands to benefit the younger people involved, both through positive sharing of experience, and healthier attitudes to ageing. In the context of multi-generational care homes, it is vital that older individuals are not cast as beneficiaries in the relationship, and also that programmes**

cater for the needs of those individuals who do not want or benefit from forced interaction with young children every day. (pg. 30)

Numa tradução direta teremos que as amizades constituem a mais efetiva e segura forma de contato e, portanto, deveriam ser o principal objetivo de uma residência intergeracional ; temos, portanto, aqui, o caminho aberto a um PHAI cooperativo.

Uma intergeracionalidade residencial baseada essencialmente em ganhos mútuos das de todas as gerações nela participantes e não apenas dos mais idosos numa estigmatizante situação de apoio “pago”, diretamente ou “em espécie” (ex., jovens que beneficiam de alojamento em troca de horas de apoio a idosos); e acrescenta-se que evidentemente não se está nem se pode estar contra esta última solução assistencialista que terá, sem dúvida, aplicabilidade em variadas situações e com ganhos globais dos intervenientes, só que não se julga que a ideia-base do PHAI3C possa ser tal solução, sendo preferencialmente uma que traduza, como se indicou atrás, uma intergeracionalidade residencial baseada essencialmente em ganhos mútuos e naturais (não institucionais) de todas as gerações nela participantes.

(iii) Promoção de comportamentos e atitudes saudáveis

Para além dos referidos aspetos ligados a uma promoção cuidadosamente natural das relações de amizade em intervenções residenciais ligadas a pessoas idosas e fragilizadas – condição esta que é sempre fator de entreaajuda, companhia e saúde global – é muito importante que também aqui se privilegiem e motivem comportamentos, atitudes e modos de estar e viver saudáveis e vitalizados, designadamente, em termos de saúde mental e de positivas condições de recobro após problemas de saúde graves, tal como também se aponta no estudo da Royal Society for Public Health e do UK branch da Fundação Calouste Gulbenkian, que tem sido citado. (negrito nosso)

*A study involving nearly 5,000 older people found that **positive, culturally acquired age beliefs are associated with a lower risk of developing dementia**. This was true even for individuals in the study who carried high-risk genetic factors for dementia, among whom those with positive age beliefs were around half as likely to develop dementia as those with negative age beliefs. (pg. 16)*

For older adults recovering from conditions of poor health, negative attitudes to ageing can impair recovery to good health.** A 2006 study found that, among adults aged 50 to 96, physical recovery after an acute cardiovascular event is linked to the presence of positive age stereotypes, even after controlling for other potentially relevant health factors. **Other research involving adults who have become newly disabled in old age has shown that those with positive attitudes to ageing are more likely to recover from this disability than those with negative attitudes.

Physical decline is often considered a natural consequence of ageing, although a person's psychological state also has a part to play. Walking speed is an indicator of physical function in the ageing population, ... (pg. 24)

De certa forma poderemos considerar que se existe esta relação entre o mal estar físico e o andar mais devagar, situação que é frequentemente referida (até ultimamente num artigo de jornal em que o andar mais devagar na rua se liga a eventuais inícios de demências), talvez que um ambiente de vizinhança e residencial que suscite o andar a pé e mesmo a movimentação geral, com facilidade e segurança, em espaços agradáveis e motivadores (ex., desde percursos pedonais estimulantes, a pequenas hortas e mesmo a escadas bem desenhadas e equipadas) possa apoiar e impulsionar o bem-estar físico e mental dos respetivos residentes ; e provavelmente se tal acontecer num quadro intergeracional bem desenvolvido, que evidencie a « atmosfera » residencial e nunca faixas específicas de residentes, então, provavelmente, o resultado final ficará reforçado.

(iv) A importância socioeconómica cumulativa da intergeracionalidade

E rematando, por agora, as referências ao incontornável estudo da Royal Society for Public Health e do UK branch da Fundação Calouste Gulbenkian, que tem sido citado e que se intitula *That Age Old Question* (« essa questão do envelhecimento » ou essa velha questão do envelhecimento), salienta-se a clara importância socioeconómica da intergeracionalidade, que terá vantagens variadas e profundas, não só para os residentes envolvidos (ex., combate à solidão, bem-estar convivial etc.), mas também para os promotores e gestores das respetivas intervenções, em termos de uma eficácia acrescida dos programas integrados, desenvolvendo-se a integração nas comunidades, rentabilizando-se a disponibilização de cuidados pessoais e fazendo-se poupanças financeiras e aumentando-se a eficácia através da integração de diversos tipos de cuidados (ex., residenciais, sociais, de saúde). (negrito e sublinhado nossos)

Intergenerational contact and care offer offers huge benefits for the groups involved, but also to the facilities operators. For local authorities, they would offer great opportunities to improve integration within the community, combat loneliness among older residents, address the shortfall in nursery provision, and ultimately save costs through consolidating provision. For private care home operators, there is an opportunity to diversify their product to include nursery care which could maximise profitability through increased efficiency, as well as offering genuine wellbeing benefits to “young” and “old” customers alike. (pg. 33)

[NOTA EDITORIAL: INICIA-SE, AQUI O TEXTO DO ARTIGO # 823 INFOHABITAR]

3. Aprofundar a relação entre os Idosos, o Habitar e a Arquitetura

Nestas matérias da ligação entre a velhice e o habitat humano abordámos, em primeiro lugar, a importância da adaptabilidade nas novas soluções de habitar, em geral e especificamente em habitação intergeracional, portanto dirigida para diversos níveis etários com relevo para os idosos ; em seguida tratou-se o papel da participação dos habitantes na promoção do seu bem-estar, numa dinâmica intergeracional convivial que beneficia a saúde e o respetivo meio social ; e vamos, agora, entrar, um pouco mais no próprio desenvolvimento arquitetónico desse espaço habitacional e vicinal, relativamente ao qual temos já, naturalmente, colecionado variados e numerosos aspetos concretos a ter em conta nos textos anteriores – avançando-se, agora, um pouco mais apenas, pois esta é matéria muito sensível que deve ser aproximada cuidadosamente, sendo específica de futuros subitens do PHAI3C.

(i) Desenho/conceção de arquitetura residencial para todos

E prosseguimos usando os melhores estudos que encontramos nesta área temática e neste sentido importa sublinhar o grande, recente e excelente estudo teórico-prático intitulado “*envejezANDO. Diseño para Todos: Arquitectura y Tercera Edad en España*”, que decorreu da investigação desenvolvida e concluída em 2018 por um amplo grupo de investigadores coordenados por Paz Martín Rodríguez, e referido a uma plataforma de investigação, difusão e proposta criativa contínua de projetos para a inovação arquitetónica intergeracional dirigida para a temática específica do envelhecimento populacional. **5**

⁵ Paz Martín Rodríguez (coord) – **Envejezando** - <https://www.fundc.com/envejezando.html>, 2018. Investigação realizada entre 2015 e 2017, seguindo-se exposição itinerante ‘envejezANDO. Diseño para Todos: Arquitectura y Tercera Edad en España’ que visitou já varias ciudades espanholas. Exposição resultou da pesquisa de Paz Martín Rodríguez - Proyecto realizado con la Beca Leonardo a Investigadores y Creadores Culturales 2015, Fundación BBVA.

Investigadores: Paz Martín, César García Guerra, Lucía Corral Partearroyo, María Ramos, Waldo de Keersmaecker, Bobby Kepman. **En la actualidad, envejezANDO es una plataforma de investigación, difusión, proposición creativa continua de proyectos para la innovación arquitectónica intergeneracional con el campo del envejecimiento de la población como foco.**

Textos: Ángeles Caballero Martín - <http://www.envejezando.com/> - https://issuu.com/envejezando/docs/intergeneracionales_01lr - info@envejezando.com

Este estudo incluiu o levantamento de múltiplas intervenções residenciais que integram jovens e idosos (ex., entre cerca de 30 e 70 habitações), que, frequentemente, associam equipamentos (ex., centros de dia, centros de saúde) e que têm sido concluídos recentemente em Espanha (ex., Pontevedra, A Coruna, Astúrias, Bilbao, Alicante, Valência e Sevilha). Salienta-se, desde já, o avanço em termos de diversidade e organização tipológica que é atingido neste estudo que foi concluído com um conjunto de publicações acessíveis online e com uma exposição itinerante – que seria muito interessante procurar trazer a Portugal.

O grande interesse do estudo muito recomenda a sua consulta específica, integrando a principal bibliografia de apoio ao PHAI3C, que será, neste estudo, devidamente referenciada.

(ii) Um habitar concebido para acompanhar, adequada e agravemente, longos envelhecimentos : como será ?

Um habitar concebido para acompanhar, adequada e agravemente, longos envelhecimentos : como será ? Este subtítulo daria só ele para desenvolver, pois, entre acompanhar e apoiar « funcionalmente » e fazê-lo, também, agradavelmente, motivando-se uma muito positiva, ampla e extensa fruição da habitação e das suas vizinhanças, as diferenças, como sabemos, são enormes : pois a segunda hipótese contém a primeira, e esta opção funcional tem sido, frequentemente, marcada por um mal afamado ambiente do tipo hospitalar, no pior sentido do mesmo, isto é, no mínimo, « frio » e « despersonalizado » e por vezes quase repulsivo, por exemplo, devido a falta de manutenção, cheiros desagradáveis e deficiente pormenorização.

E atente-se ao pequeno/grande pormenor de se tratar, frequentemente, de longos envelhecimentos, de verdadeiras « novas » histórias de vida iniciadas, por exemplo na década dos 70 anos e que vão até aos 90 e muitos, o que dá duas décadas de uma « nova » história de vida, por vezes, suportada nesses ambientes frios, despersonalizados e mal « hospitalizados ».

Um excelente e recomendável estudo sobre habitar e envelhecimento, privilegiando os atuais importantes aspetos ligados a esse « longo envelhecimento » humano é o

www.envejezANDO.com - <http://www.fundc.com/mota/index.html> - <http://www.envejezando.com/index.html> - www.envejezANDO.com - #envejezANDO
<https://www.youtube.com/watch?v=kTZ5bCWhf6I>

trabalho de David Finch, intitulado *Demographic trends and their implications for living standards* ⁶, que é citado e muito brevemente comentado, em seguida (negrito e sublinhado nossos)

*People are living longer. A century ago new-borns were expected to live to 63 on average, whereas for the generation born in the last 15 years life expectancy at birth is 93, with over a third of the generation after expected to reach age 100. This is good news of course. A longer life is in and of itself a boost to living standards for individuals and reflects a more prosperous society. But it raises challenges too. **For the individual, living longer creates a need for greater lifetime income to sustain a given standard of living. For the state, a growing older population raises questions on the allocation of resources across generations.***

The debate on living standards tends to concentrate on a snapshot of household resources today or over the near term. However, this narrow focus (pg. 4)

As people live for longer, the timing of traditional life stages is shifting

It's not just the length of life that has changed over this period, so too has its shape.

People are adapting how they live, reflecting both demographic shifts and social and economic changes: (pg. 5)

... two-fifths of the population aged 24 to 64 are graduates, compared to only one-fifth two decades ago.

Family formation is being delayed and households are becoming smaller.

Como é que o PHAI vai em linha com tudo isto? Como responde a uma geração que vai chegar aos « 80 e tal » frequentemente autónoma e, sequencialmente, a uma geração que vai chegar aos « 90 e tal » e também, felizmente, cada vez com mais autonomia?

E as habitações deveriam ir sendo socialmente úteis como defende David Finch (pg. 6), o que implica, julga-se, ou a sua adaptação a uma mutação de necessidades (e gostos ??!), ou a mudança para habitações mais adequadas e a ocupação das habitações, tendencialmente, maiores por famílias maiores.

Será assim ou esta perspetiva tende a invadir perigosamente a liberdade de habitar de cada um de nós e a felicidade de podermos envelhecer nos nossos « mundos » longamente apropriados e amplamente pormenorizados e calorosos ; mas isto se o forem, pois em muitos casos esta não será a realidade : por exemplo, habitações em parte « fechadas », funcionalmente pouco adequadas ou mesmo perigosas no uso por condicionados na mobilidade e/ou na perceção, dificilmente limpas, mal climatizadas e

⁶ David Finch - **Demographic trends and their implications for living standards**. Resolution Foundation, Intergenerational Commission, 2017.

também frequentemente mal apropriadas por mobiliário e elementos de decoração, por razões financeiras e/ou de ausência de capacidade para tal ação).

Uma realidade parece ser evidente : o tempo da grande habitação e do grande agregado familiar que acompanhavam o crescimento e decréscimo da família terá passado ; e as novas/já velhas habitações « funcionalistas », com pequenos quartos acantonados em zonas hierarquizadas, salas-comuns pouco maiores do que grandes quartos e cozinhas e « instalações sanitárias » estritamente funcionais, também não parecem poder oferecer, por regra, um quadro adequado a conversões espaciais, funcionais e ambientais ; o que nos leva, provavelmente, à necessidade de fazer de novo (construção nova e reabilitação) espaços habitacionais para idosos e intergeracionais, talvez favorecendo pequenos os casais e as pessoas sós – portanto pequenas tipologias, mas devidamente conjugadas com espaços comuns que possam combater a solidão e o isolamento doméstico. (negrito e sublinhado nossos)

Alongside this increase in single person (and single parent) households as a result of separation, the ageing of the population means we can expect more 65+ households (usually containing only one or two people). Taken together, these trends generate increased demand for housing for a given population. The cost of housing is already placing pressure on living standards: without further action current housing cost pressures risk further increases.

'Dependency' is therefore set to rise, but we should think about this in nuanced ways that capture how lives are changing (pg. 7)

Society is changing; indeed we are now at what might be considered a turning point. Two key trends stand out. First, longevity improvements continue, and second, the large cohort now entering retirement age means the demographic dividend we've enjoyed in recent decades is starting to reverse. These developments have big implications for how the resources of individuals, the state and families are consumed and shared.

As a result, ongoing demographic shifts are a key driver of living standards for younger, as well as older, generations.

But we must remember that living longer is an indicator of a nation's rising prosperity and living standards, so something to be celebrated...

... It may present a challenge for individuals – who will need a higher lifetime income to maintain a given standard of living – but strategies to cope exist. People are staying in education for longer, having children later in life (and fewer of them) and remaining in work to older ages. (pg. 11)

Destas palavras de David Finch podemos, talvez, concluir por uma tendência de nova habitação intergeracional caracterizada por positivos standards dimensionais, ainda que, naturalmente, reduzida em termos tipológicos referidos ao número de quartos ; e, aliás, expressivamente adaptável a diversos usos (ex., trabalhos profissionais em casa

para uma ou duas pessoas, segundas atividades, passatempos, convidados, etc.) e muito bem pormenorizada e acabada.

A questão de como será um habitar que acompanhe e favoreça, física, ambiental e socialmente, longos envelhecimentos pode ter importantes pistas concretas nos sítios do mundo onde as pessoas mais vivem, como acontece na ilha grega de Ikaria, perto da costa da Turquia, onde vivem cerca de 10000 pessoas, sendo frequente encontrar habitantes com mais de 100 anos; e Dan Buettner no seu artigo significativamente intitulado *The Island Where People Forget to Die*, aponta-nos o que considera ser algumas das razões desta longevidade. **7** (negrito nosso)

*Its reputation as a health destination dates back 25 centuries, when Greeks traveled to the island to soak in the hot springs near Therma. In the 17th century, Joseph Georgirenes, the bishop of Ikaria, described its residents as **proud people who slept on the ground. “The most commendable thing on this island,” he wrote, “is their air and water, both so healthful that people are very long-lived, it being an ordinary thing to see persons in it of 100 years of age.”***

If you pay careful attention to the way Ikarians have lived their lives, it appears that a dozen subtly powerful, mutually enhancing and pervasive factors are at work.

It’s easy to get enough rest if no one else wakes up early and the village goes dead during afternoon naptime.

It helps that the cheapest, most accessible foods are also the most healthful — and that your ancestors have spent centuries developing ways to make them taste good.

It’s hard to get through the day in Ikaria without walking up 20 hills.

You’re not likely to ever feel the existential pain of not belonging or even the simple stress of arriving late.

Your community makes sure you’ll always have something to eat, but peer pressure will get you to contribute something too.

You’re going to grow a garden, because that’s what your parents did, and that’s what your neighbors are doing.

You’re less likely to be a victim of crime because everyone at once is a busybody and feels as if he’s being watched.

At day’s end, you’ll share a cup of the seasonal herbal tea with your neighbor because that’s what he’s serving.

Several glasses of wine may follow the tea, but you’ll drink them in the company of good friends.

On Sunday, you’ll attend church, and you’ll fast before Orthodox feast days.

Even if you’re antisocial, you’ll never be entirely alone. Your neighbors will cajole you out of your house for the village festival to eat your portion of goat meat.

⁷ Dan Buettner - *The Island Where People Forget to Die*. Outubro, 24, 2012. The New York Times Magazine <https://nyti.ms/RxhGh4>. A version of this article appears in print on October 28, 2012, on Page MM36 of the Sunday Magazine with the headline: The Enchanted Island Of Centenarians.

Sabemos não ser possível transpor todos estes aspetos para novas intervenções urbanas e residenciais intergeracionais, mas não tenhamos dúvida de que é possível considerar todo um conjunto de aspetos ambientais, espaciais e funcionais que procurem favorecer um amplo conjunto de aspetos idênticos e afins; por exemplo, desde o favorecimento “ativo” e organizacional à movimentação a pé e às práticas que estimulem o corpo e a mente, ao incentivo a uma alimentação cuidada mas estimulante, ao desenvolvimento de excelentes condições de conforto ambiental, isolamento térmico e do ruído e ventilação, a um estratégico, continuado e “profundo” relacionamento com a natureza e a um natural e assegurador sentido de comunidade e de entajuda.

(iii) Um habitar concebido para acompanhar, adequada e agravemente, longos envelhecimentos : dos maus exemplos e a uma adequada domesticidade

Continuando na busca de como deverão ser os espaços habitacionais direcionados para idosos e aplicados a longos períodos de envelhecimento em desejáveis quadros intergeracionais, importa, agora, ter um pouco de atenção ao que não devemos fazer, porque caracterizando ambientes totalmente dissonantes de espaços domésticos humanizados e apropriados ; isto porque todos nós continuamos a sonhar com habitações e vizinhanças ideais e talvez até a sonhar mais à medida que envelhecemos.

Nesta matéria um muito interessante estudo de Susan Braedley e Gillian Martel, significativamente intitulado *Dreams of Home: Policy Implications for Care of Older Adults*, aborda a temática dos cuidados residenciais de longa duração e especificamente a relação entre os, naturalmente, sempre presentes sonhos e desejos habitacionais e a frieza ou mesmo crueza que está frequentemente associada aos cuidados pessoais que são necessários para idosos e fragilizados. ⁸

E não tenhamos dúvidas de que esta é uma matéria eminentemente arquitetónica e de opção por qualidade habitacional e não apenas associável a uma escolha « simplesmente » funcional de uma dada « figura » de um dito « equipamento coletivo » ou de um « pacote » de aspetos de gestão e de cuidados de enfermagem

⁸ Susan Braedley; Gillian Martel - **Dreams of Home: Policy Implications for Care of Older Adults** - Studies in Political Economy 95 SPRING 2015.

que « cai » sobre um dado espaço, tal como um alienígena caindo sobre uma habitação terrena. E acredita-se que isto é bem verdade para tudo aquilo que não seja um ambiente hospitalar específico ; e mesmo nestes casos é bem sabido o movimento de « domesticação » que desde há anos existe nestes ambientes – onde se procura que o doente permaneça um mínimo de tempo, transitando logo que possível para outro tipo de unidades de apoio, menos visualmente « hospitalares ».

Considerando-se o interesse e a aplicabilidade da temática a espaços residenciais e de apoio a idosos e fragilizados registam-se e comentam-se, em seguida e com brevidade, algumas longas e importantes considerações retiradas do referido estudo de Susan Braedley e Gillian Martel, cujo título é ele próprio muito significativo: ***Dreams of Home: Policy Implications for Care of Older Adults.*** (negrito e sublinhado nossos)

... researchers reinforced these popular views that proposed that quality of life in residential care facilities was contingent on a sense of residency, interpreted as feeling “at home.” Some made this recommendation based upon research demonstrating that smaller, cozier environments produce less agitation and a higher quality of life for residents, particularly for those with dementia. (pg. 63)

“Creating a home environment,” the report encourages residences to allow residents to bring in their own belongings, to respect residents’ personal routines, to have pets and plants, and to encourage family visiting... (pg. 66)

*... a 2011 report on alternative levels of care recommended that a permanent bed for most frail elderly seniors might not be the best solution to care. The report foreshadowed the 2012 Sinha Report, which outlined a system-wide vision for long-term care in which “long-term” would be written out of residential care for the most part, in favour of a system where frail, **elderly people will be moved back and forth between a private “home” and the places that offer appropriate levels of care...***

*New and renovated care residences were built around a “resident home area (RHA) concept” of “smaller, self-contained units” that allow residents “more intimate and familiar living spaces.” With 32 to 40 residents living in each unit, the scale departs considerably from that of a private household. **These environments, while often pleasant in their décor and features, favour efficiency over familiarity, and have many distinctly hospital-like features.** Each unit must operate as a distinct and enclosed living space on no more than two adjacent floors of a building.*

They must contain a dining area, at least one “lounge” area, and a program/activity space. A standard resident room and bathroom are shared by two people, usually strangers. While private bedrooms that share a bath or a private bedroom and bath are available, these variations have higher costs for residents, with choice going to those who can afford it...

While displays of personal belongings and even some personal furniture are common, the standards result in environments that are more like hospitals than households.

... “Lounges,” the more public living areas designated in the design manual, are required to be comfortable for conversation, reading and social activities. Kitchens, laundries, and staff rooms are not required as part of the RHA, and might not even be located in the residence (pg. 67 e 68)

“Home,” as it has unfolded in Ontario regulations, is a gesture towards hospitality and personal touches, defining a break from a harsher institutional past, but failing to remove deeply embedded structures of hospital-like care. (pg. 71 e 72)

Spatial arrangements supported rigid divisions of labour among staff, with clear boundaries between medical care, bodily care, and not care, and between maintenance, cooking, and laundry. Design, therefore, has not shaped any replication of a domestic division of labour that combines cleaning, cooking, and care, as might be anticipated in a more “home-like” residential setting; in fact, the built environment prevents it. (pg. 73)

As confirmed by site visits to six newly built residences and photographic evidence from 25 others, the 2009 design regulations introduced facilities that, in many ways, imitate a private household in size, style, and the organization of space. Each facility is composed of small “household” units with a maximum of 11 residents per household.

Each household must include a living room with a central fireplace, a kitchen, and a dining room. All residents have private bedrooms and bathrooms. The standards cite anecdotal evidence that this arrangement leads to sounder sleep and fewer problems with infection spread. Facilities are required to use a “residential scale and detail”... Household kitchens are designed to imitate those in private homes, for use by staff, residents, and families.

... The architecture and scale of new Nova Scotia residences draws upon the vernacular of the singlefamily, middle-class house, with a notable absence of obvious medical facilities, such as typical nurses’ stations.

Resident rooms usually contain a hospital-type bed and some personal furniture and possessions. Hallways are short. Living and dining areas uniformly feature inviting arrangements of residential-type furniture, draperies, televisions, computers, and even fresh flowers and photographs. (pg. 74)

Consistent with these spatial arrangements, direct care work is organized to replicate the daily round typical of unpaid domestic labour in private households, supported by program regulations. For example, residents have some choice in when and how they take their meals, go to bed, or bathe (pg. 75)

Nova Scotia’s nursing home model is not only a break from the sector’s institutional past, but it is a new model for residential care based upon domesticity... (pg. 76)

Há nestas considerações muito a refletir e discutir, sendo que o primeiro aspeto a sublinhar é que o PHAI3C não se incluirá, por regra, em equipamentos como os que acabaram de ser referidos e que são em boa parte destinados a pessoas com limitações várias de mobilidade e/ou perceção e/ou necessitando de cuidados pessoais específicos e por vezes exigentes.

Mas no entanto considera-se, tal como já se sugeriu, que importa ter em devida conta esta perspetiva que podemos designar de « domesticação » ou « residencialização » quer dos ambientes habitacionais dos diversos espaços privados do PHAI3C, quer dos seus espaços comuns e de apoio diversificado ; e nesta perspetiva o documento que acabou de ser considerado e citado parece poder ter grande importância em termos de diversas referências.

(iv) Um habitar concebido para acompanhar, adequada e agradavelmente, longos envelhecimentos : novos caminhos tipológicos

Considera-se muito interessante a ideia de que o PHAI3C possa servir de base residencial praticamente sem limites temporais e outros nos âmbitos funcionais, o que obriga a alguns cuidados estratégicos nas unidades privadas, nos espaços comuns e nos espaços de apoio; talvez numa perspectiva “hoteleira” de estratégica separação de serviços .

Nestas áreas o *Plan urbanisme construction et architecture (PUCA)* desenvolveu o estudo intitulado *L’habitat et la gérontologie : deux cultures en voie de rapprochement ?*, no âmbito de um estudo mais vasto e focado, naturalmente, na relação entre o envelhecimento da população, as condições habitacionais existentes e a desejável identificação de novas e adequadas soluções habitacionais para pessoas idosas. ⁹

Estas novas e desejavelmente adequadas soluções habitacionais para pessoas idosas poderiam ser desenvolvidas, segundo o estudo que acabou de ser referido, nas seguintes cinco tipologias :

- *Habitat adaptado/adaptável*
- *Habitat e serviços integrados*
- *Habitat intergeracional*
- *Habitat partilhado*
- *Habitat autogerido (pg. 53)*

Tipologias estas estruturadas a partir de seis grandes categorias práticas em termos de experiências habitacionais inovadoras – identificadas em França no âmbito do estudo que acabou de ser referido:

- *o modelo comunitário intra-geracional [que é em boa parte o chamado cohousing]*
- *a habitação partilhada intergeracional*
- *o habitar intergeracional adaptado*
- *a residência com serviços*
- *a habitação inteligente*
- *a habitação para todas as idades (pg. 53)*

⁹ Plan urbanisme construction et architecture (PUCA) - **L’habitat et la gérontologie : deux cultures en voie de rapprochement ?** PUCA 2008, Programme de Recherche « Vieillesse de la population et habitat », Enquête auprès des nouvelles formules d’habitat pour personnes âgées, Rapport Final Out 2008.

O referido estudo defende « existir ainda uma articulação limitada entre habitat e gerontologia », afirmação esta com a qual não poderíamos concordar mais ; lembrando-se que, no entanto, e em Portugal os cuidados médicos específicos dos idosos não merecem, ainda, um « colégio de especialidade », do tipo dos que existem, por exemplo, para a Pediatria e a Medicina Geral e Familiar, condição esta que não nos deixa evidentemente descansados, mas que ajuda a equacionar melhor a questão no âmbito português. (negrito e sublinhado nossos)

Cette volonté d'inventer de nouvelles formes d'habitatet pas seulement de nouvelles formes d'établissements gérontologiques est liée à une évolution des mentalités et des représentations sociales liées au vieillissement. De plus en plus d'acteurs, malgré leur diversité, sont amenés à souhaiter d'autres réponses que la structure d'hébergement collectif.

Pendant longtemps, l'effet repoussoir jouait au profit d'une politique de maintien à domicile considérée comme préférable à une entrée en établissement. Aujourd'hui, compte tenu des limites de cette dernière, d'autres formules sont souhaitées, brouillant ainsi la traditionnelle dichotomie entre domicile et établissement. (pg. 132)

Les nouvelles formes d'habitat pour personnes âgées peuvent constituer un vecteur pour repenser l'ensemble de la politique viellesse en France...

En particulier, elles mettent en valeur l'autonomie des gens âgés et leur pleine citoyenneté, quel que soit leur âge. Or, de telles représentations sociales vont à l'encontre du dispositif médico social existant qui..., reste marqué par un processus de construction de la dépendance. (pg. 134)

Novas tipologias « habitacionais » e não « hospiciais » são necessárias para dar resposta adequada à revolução grisalha que já aqui está e que aqui estará em força nos próximos decénios ; e para tal haverá, naturalmente, que elaborar novos corpos recomendativos ; mas atenção : queremos fazer habitações diferentes não renovados e suavizados hospícios.

Brevíssimas notas "intermediárias"

No conjunto de uma série de textos de reflexão sobre uma dada matéria e, neste caso, sobre "novas" soluções residenciais, intergeracionais e participadas, certas subtemáticas acabam por se aproximar mais dos aspetos "centrais" da investigação, o que se julga ser o caso de boa parte dos subitens que integram o presente artigo e cujas matérias estão bem refletidas nos seus títulos, que em seguida se recordam:

- O idadismo prejudica a saúde
- "O hiato geracional: segregação versus integração" e a promoção da amizade como solução
- Promoção de comportamentos e atitudes saudáveis
- A importância socioeconómica cumulativa da intergeracionalidade
- Desenho/conceção de arquitetura residencial para todos

- Um habitar concebido para acompanhar, agravemente, longos envelhecimentos
- Dos maus exemplos e a uma adequada domesticidade
- Novos caminhos tipológicos

Bibliografia (referências práticas)

Bohn, Felix - **Conception architecturale habitat pour personnes âgées Directives**. Centre Suisse pour la construction adaptée aux handicaps, Kernstrasse 57, CH-8004 Zurich, 044 299 97 97, www.construction-adaptee.ch

Braedley, Susan; Gillian Martel - **Dreams of Home: Policy Implications for Care of Older Adults** - Studies in Political Economy 95 SPRING 2015.

Buettner, Dan - **The Island Where People Forget to Die**. Outubro, 24, 2012. The New York Times Magazine <https://nyti.ms/RxhGh4>. A version of this article appears in print on October 28, 2012, on Page MM36 of the Sunday Magazine with the headline: The Enchanted Island Of Centenarians.

Finch, David - **Demographic trends and their implications for living standards**. Resolution Foundation, Intergenerational Commission, 2017.

Gaffet, Marie (coord) - **Vieillesse de la population et habitat**. PUCA, Cerema - travail de repérage et d'inventaire des initiatives innovantes très variées. 2019

Karvounis, Nick / unsplash - <https://zap.aeiou.pt/segre-do-viver-maos-genes-2341>

Plan urbanisme construction et architecture (PUCA)

L'habitat et la gérontologie : deux cultures en voie de rapprochement ? PUCA 2008, Programme de Recherche « Vieillesse de la population et habitat », Enquête auprès des nouvelles formules d'habitat pour personnes âgées, Rapport Final Out 2008.

Rodríguez, Paz Martín (coord) – **Envejezando**. Investigadores: Paz Martín, César García Guerra, Lucía Corral Partearroyo, María Ramos, Waldo de Keersmaecker, Bobby Kepman.

<https://www.fundc.com/envejezando.html>, 2018. Investigação realizada entre 2015 e 2017, seguindo-se exposição itinerante 'envejeZANDO. Diseño para Todos: Arquitectura y Tercera Edad en España' que visitou já várias cidades espanholas. Exposição resultou da pesquisa de Paz Martín Rodríguez -

Proyecto realizado con la Beca Leonardo a Investigadores y Creadores Culturales 2015, Fundación BBVA. **En la actualidad, envejeZANDO es una plataforma de investigación, difusión, proposición creativa** continua de proyectos para la innovación arquitectónica intergeneracional con el campo del envejecimiento de la población como foco.

Royal Society for Public Health; Calouste Gulbenkian Foundation (UK branch) – **How attitudes to ageing affect our health and wellbeing**. RSPH, 2018. © RSPH 2018 Charity Registration Number 1125949, Londres. Contatos: at_ageing@gulbenkian.org.uk, Twitter: @CGF_UK, Toby Green at tgreen@rspgh.org.uk

Referências editoriais:

Primeiras edições e respetivos links:

Infohabitar, Ano XVIII, n.º 822 – Habitação intergeracional: da adaptabilidade à participação num adequado quadro arquitetónico I – versão de trabalho e base bibliográfica # 822 infohabitar . Lisboa, quarta-feira, julho 06, 2022.

<http://infohabitar.blogspot.com/2022/07/habitacao-intergeracional-da.html>

Infohabitar, Ano XVIII, n.º 823 – Habitação intergeracional: da adaptabilidade à participação num adequado quadro arquitetónico II – versão de trabalho e base bibliográfica # 823 infohabitar . Lisboa, quarta-feira, julho 13, 2022.

http://infohabitar.blogspot.com/2022/07/habitacao-intergeracional-da_13.html

Etiquetas/palavras chave: habitação, habitação intergeracional, habitação para idosos, intergeracionalidade, adaptabilidade, participação

Nota editorial da Infohabitar:

Embora a edição dos artigos na Infohabitar seja ponderada, caso a caso, pelo corpo editorial, no sentido de se tentar assegurar uma linha de edição marcada por um significativo nível técnico e científico, as opiniões expressas nos artigos e comentários apenas traduzem o pensamento e as posições individuais dos respectivos autores desses artigos e comentários, sendo portanto da exclusiva responsabilidade dos mesmos autores.

Infohabitar

Editor: António Baptista Coelho, Investigador Principal do LNEC

abc.infohabitar@gmail.com, abc@lnec.pt

A Infohabitar é uma Revista do GHabitatar Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional Infohabitar – Associação atualmente com sede na Federação Nacional de Cooperativas de Habitação

***Económica (FENACHE) e anteriormente com sede no Núcleo de
Arquitectura e Urbanismo do LNEC.***

***Apoio à Edição: José Baptista Coelho - Lisboa, Encarnação - Olivais
Norte.***